

Rosa Malagueta, os desafios de viver para a arte e viver da arte

Socorro de Souza Batalha¹
Universidade Federal do Amazonas

Alvatir Carolino da Silva²
Instituto Federal do Amazonas

Resumo: Esta comunicação deriva de um trabalho etnográfico sobre a trajetória social da atriz popularmente conhecida na cidade de Manaus e no Amazonas como Rosa Malagueta, atuante no cenário cultural local e com trabalhos em âmbito nacional. Malagueta conta que sua verve artística começou aos sete anos de idade, quando vendia flores artificiais em frente à Igreja de São José, no bairro Praça 14 de Janeiro. As flores eram confeccionadas por sua avó, que também foi Mãe de Santo no mesmo bairro. “Eu fazia palhaçadas, interagira com as pessoas e vendia todas as rosas para minha avó”. No entanto, seu sonho de atuar nas artes cênicas iniciou na adolescência, durante o período escolar, por meio de representações teatrais nas periferias dos bairros da Zona Leste de Manaus. Partindo dessas premissas, Rosa materializa seus sonhos, atua no teatro e cinema, fez novela na Rede Globo, e nos diz que “sempre quis viver para a arte, mas que viver da arte é muito penoso e difícil”. Portanto, trata-se de um projeto de vida e de um sonho que se materializa à margem do glamour projetado pelo senso comum, que atinge apenas alguns poucos profissionais das artes cênicas e cinematográficas, os quais adquirem boa situação financeira e patrimonial. O que se pretende com os relatos da trajetória social desta atriz é aproximar um olhar antropológico sobre o cotidiano de uma pessoa que atua na produção cultural local e encara as demandas de ser mãe, avó, atriz, produtora, figurinista, costureira, sambista e brincante de boi-bumbá.

Palavras-chave: arte; Rosa Malagueta; trajetória social.

¹ Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFAM), doutorado e mestrado em Antropologia Social (PPGAS/UFAM), graduação em Ciências Sociais (UFAM).

² Professor do Instituto Federal do Amazonas, campus Manaus Zona Leste. Doutor em Antropologia Social pela UFAM, mestre em Sociedade e Cultura da Amazônia e graduado em Ciências Sociais pela mesma instituição. Atualmente, coordena o grupo Etnicidades, Desenvolvimento e Políticas Públicas no Amazonas no IFAM; integra o Projeto Nova Cartografia Social na Amazônia e participa do grupo Cultura Popular, Identidades e Meio Ambiente da UFAM.

Rosa Malagueta, the challenges of living for art and making a living from art

Abstract: This communication derives from ethnographic work on the social trajectory of the actress popularly known in the city of Manaus and in the state of Amazonas as Rosa Malagueta, an active figure in the local cultural scene with work at the national level. Malagueta recounts that her artistic flair began at the age of seven when she sold artificial flowers in front of the Church of São José in the Praça 14 de Janeiro neighborhood. The flowers were made by her grandmother, who was also a Candomblé priestess (Mãe de Santo) in the same neighborhood. "I would clown around, interact with people, and sell all the roses for my grandmother". However, her dream of working in the performing arts began in her adolescence, during her school years, through theatrical performances in the outskirts of the Zona Leste neighborhoods of Manaus (AM). Building on these foundations, Rosa brought her dreams to life, acting in theater and film, appearing in a telenovela on Rede Globo, and stating that "I always wanted to live for art, but living from art is very demanding and difficult." Thus, it is a life project and a dream that materializes on the fringes of glamour projected by common perceptions, which only a few professionals in the performing and cinematic arts achieve, along with financial and material success. The aim of recounting the social trajectory of this actress is to bring an anthropological lens closer to the daily life of a person involved in local cultural production, who also faces the demands of being a mother, grandmother, actress, producer, costume designer, seamstress, sambista, and a performer in the boi-bumbá tradition.

Keywords: art; Rosa Malagueta; social trajectory

Rosa Malagueta, los desafíos de vivir para el arte y ganarse la vida con el arte

Resumen: Esta comunicación deriva de un trabajo etnográfico sobre la trayectoria social de la actriz popularmente conocida en la ciudad de Manaus y en Amazonas como Rosa Malagueta, activa en el escenario cultural local y con trabajos a nivel nacional. Malagueta cuenta que su vena artística comenzó a los siete años de edad, cuando vendía flores artificiales frente a la Iglesia de San José, en el barrio de Praça 14 de Janeiro. Las flores eran confeccionadas por su abuela, quien también fue Madre de Santo en el mismo barrio. "Hacía payasadas, interactuaba con la gente y vendía todas las rosas para mi abuela". Sin embargo, su sueño de actuar en las artes escénicas comenzó en la adolescencia, durante el periodo escolar, a través de representaciones teatrales en las periferias de los barrios de la Zona Este de Manaus (AM). Partiendo de estas premisas, Rosa materializa sus sueños, actúa en teatro y cine, hizo una telenovela en la Rede Globo, y nos dice que "siempre quise vivir para el arte, pero vivir del arte es muy arduo y difícil". Por lo tanto, se trata de un proyecto de vida y un sueño que se materializa al margen del glamour proyectado por el sentido común, que solo alcanza a unos pocos profesionales de las artes escénicas y cinematográficas, quienes logran una buena situación financiera y patrimonial. Lo que se pretende con los relatos de la trayectoria social de esta actriz es acercar una mirada antropológica sobre el cotidiano de una persona que trabaja en la producción cultural local y enfrenta las demandas de ser madre, abuela, actriz, productora, diseñadora de vestuario, costurera, sambista y participante del boi-bumbá.

Palabras clave: arte; Rosa Malagueta; trayectoria social.

O presente texto é uma antropologia da trajetória social da atriz Rosa Malagueta, nascida em Tabatinga, no estado do Amazonas. Reconhecida no cenário cultural local e com trabalhos de alcance nacional, Rosa construiu sua carreira entre o teatro, o cinema e a televisão, sempre marcada pela persistência e resistência diante das adversidades. A trajetória de artistas que vivem da arte revela muito mais do que escolhas individuais ou talentos inatos: reflete, sobretudo, os desafios estruturais de se dedicar à arte em contextos nos quais os artistas não são devidamente valorizados.

Em Manaus, a atriz Rosa Malagueta consolidou sua carreira a partir de vivências cotidianas, experiências e diálogos com outros artistas. Reconhecida localmente e com participações em produções nacionais de teatro, cinema e televisão, sua história oferece um olhar sensível sobre o contraste entre “viver para a arte”, como projeto existencial e vocacional, e “viver da arte”, realidade marcada pela precariedade, instabilidade econômica e ausência de políticas públicas efetivas. Ao narrar sua experiência, Rosa revela as tensões entre o glamour projetado pelo imaginário social sobre a vida de artistas e a dureza da sobrevivência concreta.

Do ponto de vista metodológico, a proximidade dos autores com Rosa Malagueta, fruto de décadas de interação em trabalhos culturais, possibilitou a realização de entrevistas em espaços de sua rotina. Elas ocorreram em sua residência, em momentos em que estava afastada de atividades externas, nos intervalos dedicados à família e aos animais de estimação, especialmente gatos. Esse campo foi favorecido pela relação de confiança e pelo acompanhamento de sua carreira na mídia. Rosa é uma das poucas artistas do Amazonas com inserção nacional. Assim, quando estreia em uma novela ou filme, nos programamos para assistir como se fosse a final de um campeonato de futebol, acompanhando suas produções como torcedores que vibram pelo sucesso de uma conterrânea e amiga.

Isso nos leva a refletir que boa parte da antropologia produzida hoje não é mais uma antropologia do “outro”, no sentido da tradição colonial, mas uma antropologia do “nós”. Isso ocorre, por exemplo, quando pesquisadores indígenas problematizam questões de suas próprias culturas, realizam pesquisas em suas comunidades; quando antropólogas negras investigam gênero, culturas afro-brasileiras ou desenvolvem dissertações e teses em terreiros dos quais são filhas de santo; ou ainda quando estudamos culturas populares dentro de grupos dos quais somos parte integrante. Nesse caso, ao elaborar uma antropologia da trajetória de Rosa Malagueta, trabalhamos junto a uma pessoa de nosso convívio em produções culturais, com a qual temos vínculos de amizade de pelo menos 25 anos. Um exemplo dessa proximidade é o fato de Rosa Malagueta representar a personagem Mãe Maria no Boi Garantido de Parintins, do qual Alvatir Carolino e Socorro Batalha são membros do Conselho de Artes, instância equivalente a uma comissão de carnaval em uma escola de samba.

Portanto, este texto adota como abordagem a etnografia, com foco nas narrativas de vida, nos contextos de atuação e nas relações de apoio que estruturam a experiência de Rosa, mobilizando a noção de trajetória social em Pierre Bourdieu.

Entendida como modo singular de percorrer o espaço social, no qual se expressam disposições e se recompõem posições ocupadas em diferentes campos, a trajetória permite apreender como Rosa agencia oportunidades, enfrenta desafios e ressignifica seus capitais simbólicos ao transitar entre teatro, audiovisual e projetos culturais. Essa chave analítica, articulada à observação etnográfica, ilumina tanto o “viver para a arte”, sustentado por vocação, afetos e memórias, quanto o “viver da arte”, marcado por economia, políticas e redes de apoio.

Por fim, o texto organiza-se em quatro movimentos: (1) contextualização da trajetória social de Rosa Malagueta e sua inserção no campo cultural amazense; (2) “viver para a arte”, explorando infâncias, aprendizagens, repertórios cômicos e inspirações religiosas e familiares; (3) “viver da arte”, discutindo circulação, editais, custos logísticos, políticas culturais, mídia e estratégias de trabalho, incluindo a banca de café, com atenção às redes de amizade e solidariedade.

A trajetória social de Rosa Malagueta

A noção de trajetória, como percepção analítica, serve para compreender tanto os desafios de viver para a arte quanto os contextos específicos de viver da arte. Nesse sentido, a trajetória de Rosa Malagueta está relacionada à condição social em que nasceu, às violências que sofreu em seu casamento, à sua condição de mãe, às experiências de vida, aos estudos de teatro e dramaturgia, aos trabalhos de produção cultural e aos sonhos profissionais que realizou.

Utiliza-se a ideia de trajetória proposta por Bourdieu (2011), que ressalta que o termo se refere à objetivação das interações entre o agente e as formas relacionais nos campos em que atua. O desenvolvimento dessa objetivação origina um percurso, que se diferencia das biografias comuns:

toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do habitus e reconstitui a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos. (BOURDIEU, 2011: 71)

Diante do exposto, a trajetória ocorre por meio dos sucessivos espaços ocupados por determinados artistas que atuam em diferentes segmentos das artes, como teatro, dança, novela, cinema, entre outros. Nesse sentido, a trajetória social é o movimento dentro de um campo estratégico que está em constante mudança, onde, apesar de as pessoas estarem no mesmo espaço de trabalho e atuação, as oportunidades não são iguais para todos, devido às suas trajetórias de vida.

A trajetória social aqui apresentada destaca a importância da carreira artística de Rosa Malagueta, mãe, atriz e humorista conhecida em Manaus e no Brasil por sua atuação na novela da Rede Globo *A Força do Querer*, na qual viajou para o Rio de Janeiro para interpretar uma benzedeira chamada Neide. Além disso, Rosa Malagueta também participou do filme *A Festa da Menina Morta*, vencedor do prêmio de melhor filme na seção Novos Diretores do Festival Internacional de Cinema de Chicago, nos Estados Unidos.

Eu sempre sonhei que um dia eu ia atuar na Globo, nem pensava em novela, queria trabalhar na Escolinha do Professor Raimundo. Eu sempre fui engraçada, sempre fui assim, sempre gostei da parte mais cômica do teatro. Sempre dizia, vou fazer um teste na Globo e, em 2000 quando terminei um contrato de uma campanha eleitoral. Fui para o Rio de Janeiro fazer teste para a Escolinha do Professor Raimundo, na Globo encontrei o ator Tonico Pereira, tirei uma foto com ele e disse: um dia ainda vou contracenar contigo! Acabou que nesse teste não passei, tinha muita gente do

eixo São Paulo e Rio de Janeiro, dificilmente escolheriam alguém do norte do Brasil.
(Entrevista com Rosa Malagueta, 2023)

A trajetória social de Rosa Malagueta revela sua constante luta pela ocupação de espaço em sua profissão de atriz e humorista. Seu caminho foi marcado pela busca de oportunidades para atuar em programas de TV, filmes e novelas. Em Manaus, no entanto, seu trabalho ficou mais restrito a programas de personagens para campanhas eleitorais, comerciais, movimentos de lutas sociais e filmes de curta-metragem, resultado de projetos em editais locais. Rosa Malagueta estudou teatro com Vagner Melo, fez curso de teledramaturgia pela Rede Amazônica (afiliada da Rede Globo) e gravou mais de 15 filmes, incluindo *A Festa da Menina Morta*, um longa-metragem dirigido pelo ator Matheus Nachtergaele, lançado em 2008.

Em relação aos testes de elenco para o papel na novela *A Força do Querer*, que ocorreram em Manaus com previsão de início das gravações em 2017, Rosa Malagueta inicialmente não estava esperançosa. Ela chegou a receber uma ligação de uma amiga convidando-a para participar dos testes, mas informou que não iria. No último dia de gravação, sua amiga voltou a entrar em contato, dizendo que a diretora da novela tinha visto vídeos dos trabalhos de Rosa disponíveis na internet e havia gostado muito. Após muita insistência, Rosa Malagueta decidiu, finalmente, ir ao local.

Cheguei lá tinha um textão para decorar, em 15 minutos, li o texto, não decorei, mas peguei o sentido, o começo, meio e fim. Entrei no estúdio, ela estava sentada, a diretora da novela, aí eu fiz toda a cena, ela olhou pra mim e disse: vamos ensaiar? Eu disse, vamos porque eu não decorei e no meio do ensaio eles gravaram, daí eu disse bora valendo? Posso fazer melhor, ela disse não, não precisa, o resultado vai sair em dezembro. Eu espalhei para todo mundo que eu ia fazer a novela, mesmo sem o resultado, mas quando saiu a lista, o meu nome estava em primeiro, realmente foi a força do querer do meu pensamento. (Entrevista com Rosa Malagueta, 2023)

Percebe-se que os sentimentos de incerteza estão ligados aos processos sociais e dinâmicas cotidianas, que podem mobilizar, ressignificar, corporificar e projetar o sonho de realidade e vida de uma atriz. Sob essa perspectiva, Bourdieu (2011) ressalta que a trajetória social de um agente ganha força quando ele começa a atuar em um campo de ação. Se esse campo está em constante mudança, a trajetória social se forma dentro dessa estrutura, com estratégias que, por vezes, assumem formas momentâneas ou duradouras.

Em 2017, quando começaram as gravações da novela, Rosa Malagueta se inspirou em sua avó para compor sua personagem, pelo fato de ela ser mãe de santo e curar as pessoas. Ela também destacou que sua atuação seria apenas no Amazonas, pois sua personagem faria uma breve participação na novela.

*O meu personagem ia morrer em Manaus, o elenco ia embora para o Rio de Janeiro, eu ia ficar aqui, mas a gente foi convidado para a estreia da novela, veio o convite pelo e-mail, só que a globo não se responsabilizava por nada, eu não tinha para nada de recurso. Eu liquei para o ator Jackson Antunes, ator que se tornou meu amigo, depois da gravação do filme *A Festa da Menina Morta*, falei olha é o seguinte: fiz a novela aqui e agora vai ter a estreia no dia 3 de setembro aí no Rio de Janeiro e não tenho onde ficar. Ele disse: você é minha amiga pode ficar na minha casa, pronto já tinha onde ficar, agora faltavam as passagens. Fui a secretaria do estado não sei quantas vezes, sempre informavam que não tinha orçamento, fui a prefeitura, também a mesma resposta. Sabe quem me deu minha passagem? A minha filha tinha R\$700, ela disse: mãe vamos tirar a tua passagem, tenho esse único valor, deu para comprar a passagem somente só ida, assim fui e fiquei lá por quatro anos.* (Entrevista com Rosa Malagueta, 2023)

Nesse aspecto, Rosa Malagueta ressalta o tempo inteiro a importância das relações de amizades, dos afetos construídos ao longo do tempo, das memórias que marcam a sua infância e o despertar as suas emoções e sentimentos de pertencimento pela arte. Essas alianças são constituídas por meio da profissão, dos lugares de atuação, os afetos e memórias estão ligados aos laços de solidariedades, criadas geralmente por meio de redes sociais de amigos (BOISSEVAIN, 2010).

Fui para estreia, todo mundo no prédio, foi tudo muito chiquêrrimo. Quando eu entrei naquela festa as minhas lágrimas começaram a cair, meu Deus! Estou na Globo, eu vou passar no horário nobre. Aí vi a glória Perez sentada numa mesa, foi nesse exato momento a atriz Zezé Polessa me viu, ela é muito minha amiga e disse: vou te levar lá com a Glória Perez, ela está louca para te conhecer. Daí sentei na mesa com a Glória, comecei a falar, do meu jeito mesmo, ela me olhava, ela me olhava e ria. A Zezé começou a mostrar os vídeos engraçados dos meus trabalhos. Só fuleiragem (risos)! Glória Perez morria de ri e em um exato momento, ela me olhou assim e disse: “vou te colocar de novo na novela malagueta” tu vais ficar na novela. Eu fui a única daquele elenco que gravou no Amazonas que fiquei até o final da novela e de lá quando terminou a novela, fui fazer um filme em São Paulo e fiquei quatro anos fora do Amazonas. (Entrevista com Rosa Malagueta, 2023)

Partindo dessas premissas, prioriza-se nos escritos as narrativas da Rosa Malagueta, as suas críticas sobre as dificuldades de formação e consolidação de público nos teatros de Manaus e a desvalorização dos artistas e produtores locais pelas políticas públicas e setores da imprensa, o quê, segundo ela, são empecilhos para se viver dignamente das artes.

Viver para a arte

Rosa Malagueta faz parte de uma geração em que se ouvia novela na rádio, geralmente transmitida no final de tarde na década de 1970, mesmo pequena ela tinha curiosidade de saber como era a estrutura de uma rádio. “O que era aquilo que você sintonizava em um canal e ouvia as vozes das pessoas que estavam distantes? Como que era feito uma novela de rádio e os roteiros dos personagens?” Foram a partir dessas vivências e imaginações infantis que Rosa Malagueta começou a se interessar pela atuação artística.

Rosa Malagueta aos sete anos de idade vendia rosas em frente à igreja do São José, no bairro da Praça 14 de Janeiro, Manaus. Nessa função, ela conversa com as pessoas e ouvia muitas histórias. Ainda na sua infância, os familiares de Rosa Malagueta, foram residir no bairro São José Operário, localizado na zona leste de Manaus, área da periferia da cidade. Na época os moradores sofriam com a falta de infraestrutura, pois as ruas não eram asfaltadas e também não tinha abastecimento de água potável e tratamento de esgoto, todo o acesso água era feito de forma manual por meio de baldes e garrafas.

A sua mãe fez a sua matrícula na escola municipal Júlia Barjona Labre, mas não tinha dinheiro para comprar a sua farda e Rosa Malagueta teve que usar roupas improvisadas. Rosa nos conta que sempre foi muito comunicativa e logo fez amizades no seu novo bairro e em sua nova escola e, com um grupo de amigas, organizou um concurso de música que durou por vários anos. Rosa Malagueta sabia cantar uma única música e era essa que ela defendia todos os anos no concurso que contava com o público interno da escola, devido essa experiência ela começou a sonhar em ser cantora.

Tudo mudou quando o professor Abdiel Moreno assumiu a direção da escola, ele participava do Grupo Universitário de Teatro do Amazonas (GRUTA) e disse a Rosa Malagueta que iria montar um espetáculo e gostaria que ela participasse.

Aí ele disse: Rosa eu vou montar um espetáculo, quero que você participe. Daí eu fiz meu primeiro espetáculo chamado O Quati Papa-Ovo, em 1983. Eu achei fantástico, porque foi na rua e todo mundo assistiu, daí eu falei: isso aí que eu vou fazer mesmo! Vou fazer teatro, daí fui fazer uma oficina em um projeto que tinha no SESI do trabalhador com Wagner Melo, era teatro pelo bairro, fui ser palhaça e de lá eu não parei mais. Aconteceu várias coisas na minha vida, eu fazia animação de festa para ganhar dinheiro, entendeu? Fazia tudo isso. Não parei mais de fazer teatro, é desse trabalho que sobrevivo. (Entrevista com Rosa Malagueta, 2023)

Toda a trajetória construída por Rosa Malagueta perpassa o teatro, pois ela vive da sua profissão, mesmo com todas as dificuldades de trabalho que continuam ocorrendo, inclusive nos dias atuais.

Eu acho que hoje, depois de tudo que aconteceu, a dificuldade continua, mesmo com a fama, com tudo que já alcancei, por que eu descobri sabe o quê? Que nós amazonenses não somos valorizados no nosso estado, tu podes fazer o que quiser, o público, o governo, a prefeitura, ele não te valoriza, ele não está de portas abertas para ti, tu tens sempre que está mendigando, não adianta você participar de novela da Globo. Eu acho que eu e Adanilo somos os únicos amazonenses que saímos da cidade para fazer cinema em outro lugares, a gente viaja o Brasil, mas quando a gente vai pedir ajuda para uma passagem, uma hospedagem, ajuda de custo, a gente nunca tem, isso não vai parar, porque sempre se cria uma panelinha e como eu não faço parte dessa panelinha, sempre fui assim, eu nunca deixei ninguém pegar no meu pulso e achar que eu devo alguma coisa, vai continuar assim, sabe? a gente nunca vai ser valorizado, eu posso amanhã montar um espetáculo no Teatro Amazonas com tudo pago, não vai lotar, não vai, posso ir atrás de monte de gente, vão me ajudar? Pouquíssimas pessoas, uma ajuda irrisória, com um lanche do camarim, entendeu? É isso que falo, ninguém consegue vencer ainda mais os artistas, dentro do estado do Amazonas, no estado do Pará vejo que o tratamento com o artista um pouco diferente, assim como na cidade de Parintins-Am, que é um lugar que valoriza seus artistas, eles se valorizam e aqui em Manaus, não acontece da mesma forma”. (Entrevista com Rosa Malagueta, 2023)

Viver da arte

Segundo Rosa Malagueta, criar um espetáculo em Manaus é difícil por conta de custos da região Amazônica serem altos, no que se refere deslocamento de pessoas para diversas localidades, objetos, materiais e dentre outras despesas. Essa dificuldade está relacionada ao fato de a viagem ocorrer por meio de barco recreio³ ou lancha a jato⁴ que exige horas de deslocamento entre os municípios do estado. Dentro dessa perspectiva, Rosa Malagueta participou de um projeto financiado pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (SEC), denominado “Arte por toda parte” que foi executado em várias regiões do estado do Amazonas. Participavam várias pessoas nesse projeto.

Durou vários anos na gestão do Robério Braga, atuavam várias pessoas nos municípios em diversas linhas de frente, como: oficina de teatro, dança, cinema, artes, cada vertente do espetáculo, de leitura, aí para fazer a direção dos espetáculos, eu tinha apoio de uma pessoa contratada para fazer sonoplastia, o cenário e figurino. Assim, esse projeto ocorreu em vários lugares mais próximos da cidade de Manaus, com mais possibilidade de acesso. (Entrevista com Rosa Malagueta, 2023)

³ Os recreios são o tipo de embarcação regional mais significativo para o transporte de passageiros, podendo inclusive receber a denominação genérica de “barco regional”, de forma metonímica. São embarcações de madeira (“barco-motor” ou “B/M”) ou de ferro (“navio-motor” ou N/M) “responsáveis pela maior parte das viagens e do transporte de passageiros e mercadorias entre as cidades do Amazonas” (TAMBUCCI, 2014).

⁴ Barcos em estrutura de alumínio naval, com motores de polpa ou turbo que proporciona o dobro da velocidade dos barcos tipo recreio, onde se viaja mais lentamente e o passageiro tem espaço para atar rede para dormir e descansar, além do espaço de laser. Diferente das lanchas a jato, onde o passageiro tem uma poltrona e não espaço de lazer, mas a viagem é muito mais rápida.

Outro projeto que Rosa Malagueta viveu essa experiência foi no chamado Regatão Cultural, no entanto, este projeto era restrito ao município de Manaus, mas foi executado nas diversas comunidades urbanas periféricas da cidade e nas comunidades rurais de Manaus.

A partir desses trabalhos, Rosa Malagueta observou o descaso do Estado com alguns municípios, e aponta criticamente que há muitas manifestações culturais que precisam de maior apoio e visibilidade no Amazonas:

Só é importante para o Estado, aquele povo, aquele lugar onde tem o que se mostrar, não sei se tu vais concordar comigo, Parintins tem o que? O Festival Folclórico de Parintins, anualmente as disputas dos bois Garantido e richoso. Para o boi o Estado dar importância, por que aquilo traz o que? Economia para o Estado. É o que tem em Caapiranga, município próximo a capital de Manaus? Tem um festival do cará-branco e cara-roxo, pouco conhecido, porque ninguém praticamente conhece, o investimento ali é muito reduzido, tanto em trabalho cênico quanto em atividade cultural, o poder público não vai muito lá, a não ser os vereadores que são da própria cidade, mas que vivem mais tempo em Manaus em suas residências do que nos municípios que eles foram eleitos. Já começa por aí o descaso daquela população, daquele lugar que é pouco respeitado. (Entrevista com Rosa Malagueta, 2023)

No município de Manacapuru, próximo ao município de Caapiranga, tem um investimento maior, segundo a análise da Rosa Malagueta, devido a disputa do Festival de Cirandas e pelo o fato de serem mais conhecidas e reconhecidas.

As cirandas têm um investimento maior, um olhar para li, as pessoas ali podem sonhar, o que elas querem ser? Porque as pessoas vão para lá olhar para elas, as pessoas vão para o boi de Parintins, não vão olhar para onde tudo começou? E sim para um lugar de visibilidade e potencialidade para o artista que vive e sobrevive da arte. (Entrevista com Rosa Malagueta, 2023)

Analisando as questões postas por Rosa Malagueta, é possível pensar o campo de arte dramática de forma análoga ao futebol profissional amazonense, por mais que se construa uma trajetória de evidencia nacional e internacional em atuação em novelas e filmes, em que pessoas de várias idades, religiões, localidades e nacionalidades ocupem esse espaço, mesmo que haja uma ligação em atores e espectadores, pelo o fato de ser do mesmo estado não recebe a mesma evidência e tratamento como as pessoas de fora. Algo parecido ocorre com o futebol amazonense, que sem investimento vive com o estádio esvaziado e jogando para si. Essas duas profissões são consideradas difíceis para a vida material das pessoas, por exemplo, pode existir um jogador que joga, mas não é tão bom, devido a uma circunstância de oportunidade, faz com que ele fique bem materialmente, de grana e visibilidade, ao passo que outra pessoa que por ausência de oportunidade, pelo o lugar onde ele se encontra e vive, pode até ter o futebol melhor do que aquela outra pessoa, mas ele vive mal materialmente. Mesmo sendo craque, tem que ser frentista em posto de gasolina ou outra atividade profissional que não o futebol.

Assim como no futebol, há um glamour vivenciado por alguns poucos, nas artes é semelhante. É o caso de Rosa Malagueta, que ama as artes cênicas, atriz com vários trabalhos em teatro, cinema e novela, mas tem que acordar diariamente de madrugada para por sua banca de café da manhã em uma praça pública no Centro Histórico de Manaus. Uma grande atriz e produtora, mas que as circunstâncias fazem de sua carreira artística uma condição instável do ponto de vista material.

Malagueta ainda alinha o mundo do mercado cultural local com um fazer herdado por transmissão familiar que é o de ser quituteira, pois tem uma banca de café regional em uma praça situada no Centro Histórico de Manaus, como ela

ressalta “se não fosse essa banca de café a nossa situação seria bem pior”. No entanto, Malagueta tem articulado projetos culturais por meio de editais oriundos das leis Paulo Gustavo (2022) e Aldir Blanc (2020). A atriz e produtora aponta questões críticas sobre essas modalidades e financiamento de projetos, dificuldades de formação e consolidação de público nos teatros de Manaus e a desvalorização dos artistas e produtores locais pelas políticas, pelo público e setores da imprensa, o que, segundo ela, são empecilhos para se viver dignamente das artes.

Rosa relembra as inquietações de sua mãe quando dizia: “Rosa, esse teatro não dá dinheiro. Vai trabalhar, vai arrumar um emprego”, mas o teatro para Malagueta é profissão, é trabalho, é a vida.

Recebido em 11 de outubro de 2024.

Aprovado em 31 de julho de 2025.

Referências

BOISSEVAIN, J. [1974]. “Apresentando ‘amigos de amigos: redes sociais, manipulações e coalizões’”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Editora Global, 2010.

BRASIL. Lei 14.017, de 29 de junho de 2020. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo 6, de 20 de março de 2020. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, 2020.

BRASIL. Lei Complementar 195, de 8 de julho de 2022. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas em decorrência dos efeitos econômicos e sociais da pandemia da Covid-19. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, 2022.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. 5. ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.

COELHO, M. C.; REZENDE, C. “Introdução. O campo da antropologia das emoções”. In: COELHO, M; REZENDE, C. (org.). *Cultura e sentimentos-ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011.

LACERDA, Paula. O sofrer, o narrar, o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas. *Horizontes Antropológicos*, 42, 2014.

PAIXÃO, Cláudio Chaves. *Radionovelas: o cotidiano da população amazônica nas produções da Rádio Nacional da Amazônia (1977 a 2019)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade), Universidade Federal do Tocantins, 2019.

TAMBUCCI B. Y. *Rio a fora, cidade a dentro: transporte fluvial e modos de viver no Amazonas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), USP, 2014.

ACENO, 12 (29): 145-154, maio a agosto de 2025. ISSN: 2358-5587
Artigos Livres

VOLUME 13
NÚMERO 32
(MAIO/AGO. 2026)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:

MASCULINIDADES, CURSO DE VIDA E CUIDADO

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE MARÇO
DE 2026

COORDENADORXS:
DR. ESMael ALVES DE OLIVEIRA (UFGD)
DR. MARCOS NASCIMENTO (FIOCRUZ)
DR. CAMILO BRAZ (UFG)

32

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso